

## CRÍTICA E DEVORAÇÃO: CANIBALISMO E MITOLOGIA CULTURAL

Tereza Virginia de ALMEIDA<sup>1</sup>

- RESUMO: Em 1950, o escritor Oswald de Andrade (1890-1954) apresentou para a USP a tese intitulada *A crise da filosofia messiânica* com a qual pretendia candidatar-se a uma vaga de professor. O concurso não ocorreu mas o texto de Oswald foi inscrito e canonizado como parte da fase pós-marxista do escritor: a fase de retomada de Oswald de suas próprias idéias em torno da antropofagia apresentadas no “Manifesto antropófago” de 1928. O artigo aborda a naturalização da antropofagia enquanto metáfora da cultura brasileira como resultado do processo de canonização da obra de Oswald e propõe que o homem natural tecnizado pode ser produtivo como um criativo contraponto à razão moderna.
- PALAVRAS-CHAVE: Cultura; canibalismo; crítica literária.

Em 1998, Hans Ulrich Gumbrecht foi convidado a participar do Colóquio UERJ cuja proposta central era celebrar os setenta anos do “Manifesto antropófago” de Oswald de Andrade. Coerente com sua própria vocação como polemista, Gumbrecht responde agressivamente ao convite já que se trata para ele de comentar um texto que faz parte de um gênero que não o atrai, o manifesto, claramente relacionado com a intencionalidade autoral, algo com que o teórico alemão se debate em seus últimos estudos em torno do que denomina de “campo não-hermenêutico”, que emerge junto à crise de referencialidade no contexto pós-moderno com a problematização do ato interpretativo (GUMBRECHT, 1998a).

A resposta de Gumbrecht ao convite é marcada por uma leitura em estranhamento que opera nas margens do texto oswaldiano, demarcando, entretanto, uma posição subjetiva que se define por um lugar exterior à cultura brasileira, coincidente com o espaço cultural “colonizador”, alvo da antropofagia. O título *Biting you softly* inscreve um interlocutor que se explicita no final do texto: “*Why do Brazilian intellectuals invite us this year to celebrate the seventieth anniversary of the Manifesto Antropófago, and why do we Europeans and Northern American so happily accept?*” (GUMBRECHT, 1998b, p. 11). Aos intelectuais brasileiros, e não ao manifesto propriamente dito, se dirige a agressividade da abordagem de Gumbrecht, agressividade esta que só se dá como tal em função do lugar canônico ocupado pelo “Manifesto antropófago” no pensamento crítico brasileiro. Gumbrecht responde: “*Yet we like to read it because it makes present a moment in which neither South America felt like*

<sup>1</sup> Departamento de Língua e Literatura Vernáculas – Centro de Comunicação e Expressão – UFSC – 88025-000 – Florianópolis – SC – cococa@hotmail.com

*a victim, nor Northern America and Europe felt they had to flagellate themselves as the oppressors of Humankind*” (GUMBRECHT, 1998b, p. 12).

A resposta irônica pode encontrar resistências e desdobramentos dentro do pensamento crítico brasileiro já que o manifesto é lido e citado há décadas a partir de uma política de interpretação que toma a antropofagia como metáfora capaz de solucionar as questões identitárias de uma cultura que não se define na busca de fronteiras entre o que lhe é autêntico e o que lhe é outro, exterior: a antropofagia redefine espaços de poder e dominação através da neutralização do conceito de dependência cultural.

A partir do processo de canonização implementado pela crítica em torno do modernismo brasileiro, aprendeu-se a interpretar metaforicamente a devoração, tal como apresentada pelo “Manifesto antropófago” (ANDRADE, 1995, p. 47-52), como o processo através do qual a cultura brasileira tende a assimilar criticamente as influências e os empréstimos advindos de culturas dominantes. Ao invés de ver na forte presença de elementos advindos de diversas formações culturais o apagamento da possibilidade de encontrar uma identidade autêntica para a cultura brasileira, a imagem da devoração, através de seu potencial agressivo, permite ativar a crença na atitude crítica existente no processo de incorporação dos elementos culturais de origens diversas que acabam por terem suas origens ofuscadas. A cultura brasileira passa a definir-se não por elementos estáveis de composição, mas por uma atitude, a atitude de devoração, de deglutição criativa, idéia que se inspira no sentido mágico-ritualístico da antropofagia, tal como praticada pelos primitivos, em que a devoração da carne do corpo do inimigo morto significaria a incorporação de seus valores fortes, de sua valentia.

Está em jogo, portanto, um processo segundo o qual Hans Ulrich Gumbrecht identifica-se com o lugar de poder questionado pelo texto de Oswald, ao inscrever-se como posição subjetiva que se define como “*we North Americans and Europeans*”. Ao mesmo tempo, Gumbrecht direciona-se agressivamente a um outro lugar de poder: o lugar da crítica que em sua articulação dentro do sistema literário se relaciona inevitavelmente com o sistema social e, na própria configuração daquilo que se define como uma literatura nacional, acaba por operar em diálogo com outro lugar demarcado de poder: o Estado. Afinal, o que é a questão da brasilidade, que inquieta o campo literário principalmente a partir do romantismo, senão algo ligado ao projeto político de construção da identidade da nação?

O texto provocativo de Gumbrecht, ao encaminhar-se na contramão da leitura canonizada do manifesto, coloca em cena um estranhamento vivenciado por muitos estudantes em seu primeiro contato com o texto de Oswald. Afinal, aprendemos, a partir da fortuna crítica, a “compreender”, a “interpretar corretamente” o manifesto, a “perceber” seu valor como documento da cultura, a descodificar a antropofagia como metáfora. E as “mordidas” de Gumbrecht convidam a reler a antropofagia que,

antes de tudo, parece ter sido eleita pela crítica dentro da obra oswaldiana pelo retorno às idéias de 28, empreendido pelo poeta no fim da vida.

Em 1950, quatro anos antes de sua morte, Oswald de Andrade apresentou à Universidade de São Paulo a tese intitulada *A crise da filosofia messiânica* (ANDRADE, 1995, p. 101-55) com a qual disputaria com Antonio Candido a vaga de professor de Filosofia. A candidatura não foi, entretanto, aceita, já que Oswald não possuía a documentação necessária para ocupar a posição. Formado em Direito e tendo atuado como jornalista a maior parte de sua vida, Oswald não estava qualificado a ensinar Filosofia e a vaga da USP foi preenchida por Antonio Candido (BOAVENTURA, 1995, p. 252).

O incidente claramente demonstra as complexidades do sistema intelectual no que diz respeito aos agentes passíveis de serem legitimados em certas posições institucionais e as relações existentes entre estas e os padrões discursivos que com ela se articulam. Mais do que isto, o evento tem muito a dizer sobre a dinâmica inerente ao cânone, na medida em que *A crise da filosofia messiânica* é hoje parte das *Obras Completas* de Oswald de Andrade e ocupa um papel crucial na consagração de sua trajetória intelectual, na medida em que é interpretada pelos críticos literários como uma retomada pós-marxista das próprias idéias primitivistas apresentadas pelo poeta na década de 20 nos Manifestos “Pau-brasil” (1924) e “Antropófago” (1928).

Inscrita na chamada fase filosófica de Oswald junto aos artigos publicados em jornal que formam “A Marcha das Utopias”, a tese de concurso figura hoje no volume *A utopia antropofágica*, com prefácio de Benedito Nunes, intitulado “Antropofagia ao alcance de todos” (ANDRADE, 1995, p. 5-39). Mas o que se apresenta nessa tese com a qual Oswald não entrou para a USP? Em trinta páginas, Oswald enquadra a cultura ocidental através dos eixos Matriarcal e Patriarcal, esta última sendo caracterizada pelos discursos messiânicos. Oswald afirma que a modernização e a tecnologia correspondem a uma crise do messianismo já que, liberto do trabalho, o homem natural tecnizado poderá “cevar sua preguiça inata” e alcançar uma formação em que “os fusos trabalham sozinhos”, em que a linhagem é de direito materno e a propriedade do solo comum a todos.

Em 1985, o professor e crítico Silviano Santiago foi convidado a falar sobre a permanência do discurso da tradição no modernismo, em curso promovido pela FUNARTE do Rio de Janeiro, intitulado **Tradição/Contradição**. O convite parecia trazer ao palestrante um interessante desafio pois, ao mesmo tempo em que o incitava a posicionar-se dentro do contexto dos debates pós-modernos, acenava-lhe com uma possibilidade de auto-reflexão, já que a surpresa do tema requeria uma forma de pensamento que se encaminhasse na contramão do processo de valorização da estética da ruptura e do novo. No início da década de 70, Silviano Santiago havia produzido uma importante reflexão sob o título “O entrelugar do discurso latino-americano”.

Nas últimas linhas de seu texto, tornava-se explícita, então, a dívida de seu pensamento para com as inquietações dos primeiros modernistas e, mais especificamente, para com Oswald de Andrade: “ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana” dizia o crítico referindo-se à ambivalência produtiva da escrita que se articula no contexto da cultura colonizada (SANTIAGO, 1978, p. 28). O texto de Santiago revelava, então, ser um dos inúmeros ecos da metáfora antropofágica que, resgatada do bem-humorado “Manifesto Antropófago” delicia há décadas a crítica brasileira ao ensaiar uma teoria da cultura capaz de engolir e digerir a dura ossada da dependência cultural.

Ao debater-se em 85 com sua própria trajetória intelectual, determinada pela leitura do modernismo brasileiro em seu potencial transgressor e liberador, é com reservas que Silviano Santiago inicia a tarefa de articular modernismo brasileiro e tradição: “Gostaria de começar afirmando que este não é um dos meus tópicos favoritos, como não o é para a maioria das pessoas que foram formadas e continuam sendo formadas pelo que é considerada – hoje – a tradição modernista”, são as primeiras palavras de Santiago (1989, p. 94). Mas é com maestria que o crítico elabora uma argumentação em que se articulam alguns exemplos das relações entre os modernistas e a tradição: Vinícius de Moraes e o soneto, João Cabral e o romance popular, Drummond e a tradição lusa, Murilo Mendes e o catolicismo e a última fase produtiva do escritor Oswald de Andrade já na década de 50.

Na obra do poeta antropófago, é a fase filosófica que Silviano Santiago recorta como forma de elaborar uma leitura distinta daquela que enfatiza um Oswald paródico e transgressor. Dentro da linha argumentativa de Silviano Santiago, Oswald de Andrade apresenta na década de 50 em seu momento de maturidade uma “noção original de utopia, que não seria nem a utopia tal qual definida pelo modelo da Revolução Francesa – para Oswald, a utopia é caraíba” (SANTIAGO, 1989, p. 107). De maneira pertinente, o crítico assinala que Oswald dialoga com a tradição europeia através do resgate da idéia do selvagem presente nos pensamentos de Montaigne e Rousseau para estabelecer o encontro do Brasil com a idéia de futuro e de modernidade. “Oswald”, diz Santiago (1989, p. 108), “com o pensamento e ação antropófagos visa a trazer a utopia caraíba europeia para o seu ‘lugar próprio’ – o Brasil”. A partir daí, o crítico apresenta algumas reflexões em que a utopia de Oswald figura como um exemplo em que a modernidade ativa a idéia de eterno retorno, uma vez que o futuro, para Santiago, só interessa ao pensamento filosófico oswaldiano como possibilidade de retorno ao passado, a um estado de prazer da ordem do mundo primitivo, pré-civilizatório: “Oswald tenta conciliar a visão linear progressiva em direção ao futuro com o retorno ao matriarcado. Será o que se pode chamar de eterno retorno em diferença” (SANTIAGO, 1989, p. 109).

É possível observar, entretanto, que a leitura de Silviano Santiago da filosofia oswaldiana está demarcada por um conceito de utopia ligado à idéia de colonização

do futuro e a uma tradição de pensamento através da qual a modernidade e o humanismo se definem pela crença em um estado futuro de perfeição e fim das contradições. Entretanto, basta uma reflexão sobre o próprio significante criado por Thomas More em 1516 – *utopia* (ou + topos, em sua origem etimológica grega), para que se perceba que é a partir da noção de um não-lugar, da alusão a algo fora do espaço e de qualquer presentificação que o discurso utópico estabelece sua identidade enquanto gênero discursivo (MORE, 1973).

Ou seja, a utopia, em sua origem, não se articula sobre uma noção de temporalidade futura, mas como uma elaboração fictícia de uma idealidade fora do espaço e do tempo e a que Louis Marin se refere como um jogo de espaços presente na própria textualidade do discurso utópico (MARIN, 1973). Por outro lado, a articulação elaborada por Santiago entre tradição, passado e primitivismo pode oferecer algumas problemáticas, na medida em que parece fazer coincidir o primitivo da antropofagia oswaldiana com o primitivo aqui existente antes da colonização. Embora esteja claro que a tendência primitivista das vanguardas europeias encontra em território brasileiro o desafio de lidar com um referente que faz parte do passado cultural brasileiro violentado pelo processo colonizador, a idéia de primitivismo participa de um amplo complexo de representações imaginárias da cultura ocidental da qual fazem parte tanto as representações estéticas, tais como as que surgem na obra de Pablo Picasso, como aquelas com as quais, de Darwin a Lévi-Strauss, o Ocidente rastreia a mitologia em torno de sua origem (KUPER, 1988). Dentro deste raciocínio, o canibal e o homem natural oswaldianos afiguram-se, antes de tudo, como construções que atendem à demanda metafórica do imaginário do poeta muito mais do que encontram eco em alguma tradição cultural. Em outras palavras, parto aqui da dissolução dos conceitos de futuro e passado que embasam respectivamente as noções de utopia e tradição que norteiam a argumentação de Silviano Santiago para começar por investigar outras nuances da idéia antropofágica.

Qualquer estudo que hoje se dedique a abordar as idéias oswaldianas está determinado por uma tradição crítica participante de uma agenda política em que a antropofagia assume um papel fundamental enquanto discurso de identidade cultural. Na edição da Globo, o prefácio do crítico Benedito Nunes “Antropofagia ao alcance de todos” opera politicamente como um paratexto em que, ao refazer o percurso do primitivismo oswaldiano, reconstrói, na verdade, o processo de cristalização do valor da metáfora antropofágica dentro do pensamento crítico brasileiro.

Neste trajeto, “A crise da filosofia messiânica”, ao ser abordada como a retomada de fim da vida das idéias antropofágicas de 28, serve para assegurar o lugar de destaque da antropofagia na trajetória oswaldiana como justificativa para o processo de canonização que se implementa com as leituras do grupo concretista. No segmento “Antropofagia e Utopia” do prefácio, Benedito Nunes refaz o percurso das leituras

chave de Oswald na elaboração de sua tese, tentando reconstruir para o leitor o processo argumentativo e a coerência do texto.

Para tanto, Benedito Nunes propõe a formação de um contínuo entre a tese e o manifesto de 28, mas com uma interessante ressalva: “se abstrairmos a viva e pitoresca trama de fatos e idéias que o acompanham, e que muito divertirá o leitor” (ANDRADE, 1995, p. 31). Em *Oswald Canibal*, Benedito Nunes define o lugar do qual elabora sua leitura do canibalismo oswaldiano: “num espírito de diálogo tão vegetariano quanto universitário” (NUNES, 1979, p. 13).

Há, é fato, uma vasta e potente produção crítica em torno da obra oswaldiana a partir de posições subjetivas e institucionais diferenciadas que ecoam em um projeto comum nitidamente marcado por uma investigação da brasilidade e, portanto, por uma noção de território, que a tese de fim de vida de Oswald parece contradizer.

Quando se enfoca a antropofagia oswaldiana do ponto de vista da cultura ocidental, a idéia antropofágica dialoga com elaborações imaginárias, com que se estabelece um “outro lugar”, como força motriz da prática discursiva do exotismo (BONGIE, 1991).

Sob esta perspectiva, é interessante observar o quanto há de complexo na abordagem de *A crise da filosofia messiânica*, já que o texto irá dialogar e se inscrever dentro de uma tradição em que os trópicos tendem a coincidir com o lugar de realização desta idéia de um espaço outro. Entretanto, ao responder e representar a cultura ocidental do ponto de vista dos trópicos, a tese de Oswald simultaneamente reforça e desafia esta idéia, já que reafirma a tradição ao inserir os trópicos como este lugar de idealização, ao mesmo tempo em que o desvia para um além no tempo cuja realização ocorre a partir de uma perspectiva da cultura ocidental. O homem natural tecnizado é um elemento desafiador de fronteiras geográficas e, portanto, das próprias idéias de outo e de identidade que mobilizam o discurso crítico em torno da antropofagia.

Informada pelo compromisso com a antropofagia enquanto eficaz metáfora da cultura brasileira, a tradição crítica nacional parece não levar às últimas conseqüências o potencial transgressor e político de um dos principais recursos passíveis de serem rastreados na tese de Oswald de Andrade e que leva seu discurso a ultrapassar uma fronteira significativa muito além da opção pelo humor. A **ironia** é o tropo que perpassa em vários níveis o discurso de Oswald, a começar pelas opções discursivas que faz diante do espaço acadêmico, e que lhe permite operar no nível da ambivalência, em um entrelugar entre as oposições e construções binárias em torno do colonizador e do colonizado, da Europa e da América Latina, do civilizado e do primitivo, do acadêmico e do ficcional.

Não se trata de afirmar uma intencionalidade irônica por parte de Oswald de Andrade, pois tal atitude interpretativa corresponderia à crença na estabilidade de sentido textual que se deseja questionar. Trata-se de assumir uma perspectiva de leitura em que se constrói uma posição subjetiva irônica a partir do entrelaçamento

das marcas textuais e de suas possibilidades interpretativas no contexto contemporâneo, em busca não de uma estabilidade significativa para além do sentido literal da tese, mas da própria atitude política que possa residir no desafio à promoção de um sentido estável de antropofagia e do universo do bárbaro tecnizado.

Diante da tradição do próprio discurso acadêmico, a tese de Oswald emerge como *bricolagem*, como experimentação estética, muito mais do que promove um discurso coerente a referir-se a algo fora de si mesmo. Neste sentido, vale lembrar o capítulo de Lévi-Strauss em que o antropólogo estabelece a analogia entre o pensamento selvagem e o trabalho do *bricoleur*, em distinção ao conhecimento produzido pelo saber científico (LÉVI-STRAUSS, 1997). Ao perceber a maneira como Oswald de Andrade seleciona seus textos para produzir sua tese, torna-se nítida a necessidade de considerar a prevalência do impulso estético sobre o impulso científico, tal como no trabalho do *bricoleur*. Talvez aí esteja a mais forte relação do texto de Oswald com o primitivismo, ou seja, naquilo mesmo em que os traços discursivos se negam a promover uma tese no sentido científico do termo.

A tese de Oswald desafia, antes de tudo, as molduras de gênero, já que, ao parodiar o discurso acadêmico, simultaneamente inscreve e subverte seus códigos. Ou seja, *A crise da filosofia messiânica* propõe questões que desafiam a anterior canonização da antropofagia como parte de uma mitologia crítica em torno da representação da cultura brasileira.

Esta atitude interpretativa é provocada por afirmações do texto oswaldiano, por opções por citações indiretas, por colagens de citações e de nomes de autores que parodiam erudição, pela apropriação que faz dos textos antigos relacionando-os criativamente a textos modernos. Através do método da colagem, Oswald substitui o rigor do argumento por um processo criativo que lhe permite apreender de forma totalizante e explanatória a cultura ocidental em dois eixos básicos. Oswald critica o messianismo, mas parodia o próprio discurso messiânico ao anunciar o bárbaro tecnizado. Ao mesmo tempo, a tese ironiza a utopia marxista, mas apresenta em suas últimas páginas o anúncio de um mundo sem Estado.

Ao apropriar-se de Bachofen, por exemplo, Oswald relaciona um estado de “promiscuidade originária” ao Matriarcado (ANDRADE, 1995, p.109), já que atribui o sistema monogâmico única e exclusivamente ao direito paterno. Mas, com isto, Oswald negligencia os pressupostos da tese de Bachofen para quem o matriarcado teria surgido justamente por uma demanda ética feminina em contraposição a uma promiscuidade anterior. Oswald apropria-se da idéia do matriarcado como estratégia discursiva para a construção de um eixo oposicional e totalizante que o coloque fora da cultura que critica e que apreende sob o título do patriarcalismo, mas negligencia os compromissos e pressupostos do discurso de Bachofen no qual o mundo matriarcal se articula com a ética e com a religião (BACHOFEN, 1967).

Outro texto fundamental e que surge apenas nas últimas páginas da tese é *A Revolução dos gerentes*, de James Burnham, que, segundo o poeta, “oferece o melhor esquema para uma sociedade controlada que suprima pouco a pouco o Estado, a propriedade privada e a família indissolúvel” (ANDRADE, 1995, p. 147). Trata-se de um outro caso de apropriação que desconsidera que a teoria de Burnham não prevê a dissolução do Estado e nem vê com entusiasmo a própria sociedade que prenuncia. Entretanto, enquanto dissidente do trotskismo, Burnham parece fornecer uma interessante referência ao Oswald que cinco anos antes romperia com o Partido Comunista Brasileiro e que, nas últimas páginas de sua tese, claramente associa a América do Norte com o mundo lúdico: “é na América que está criado o mundo lúdico e o clima do mundo técnico aberto para o futuro” (ANDRADE, 1995, p. 145). Ao escolher James Burnham como referência, Oswald opta por um autor cuja trajetória intelectual parece ideologicamente ambivalente, já que encontra resistência tanto nas ideologias de direita quanto de esquerda (BURNHAM, 1960). O interesse de Oswald recai, entretanto, não na formulação de um argumento ideologicamente coerente, já que o que lhe interessa na América é apenas devorar certos ícones como Tarzan e a *glamour girl*, que são operacionais no mundo lúdico que anuncia.

A partir do rastreamento das estratégias da tese oswaldiana que constantemente se furtam à coerência, a utopia de Oswald se dissolve enquanto perspectiva de futuro, mas se reafirma no próprio sentido da palavra, pois na incoerência mesmo da articulação dos argumentos, aponta radicalmente para a impossibilidade da tese, para o não-lugar deste bárbaro tecnizado que se afirma no nível performático do texto e que requer para sua abordagem estratégias específicas que aceitem pactuar com a ironia e se apropriem, devorem o texto, ao invés de interpretá-lo. Em outras palavras, uma posição distinta da de Benedito Nunes, pois trata-se de ler no texto de Oswald uma demanda que não permite que se abstraia a trama viva e pitoresca e que requer uma crítica mais carnívora do que universitária ou mesmo tão universitária quanto carnívora.

O fictício bárbaro tecnizado oswaldiano é um ser para o prazer em uma relação com o mundo que é, antes de tudo, Estética e emerge dentro de uma moldura em que as máquinas se relacionam com o corpo humano como extensão de suas próprias possibilidades sensoriais. No discurso de Oswald, as máquinas produzidas para o trabalho libertam o corpo do trabalho. Neste sentido, o bárbaro tecnizado de Oswald participa de um complexo de representações em torno das relações entre tecnologia e tempo ocioso, tecnologia e prazer, representações em que a máquina opera com um sentido prostético de implementação dos próprios potenciais do corpo humano.

Talvez a idéia de antropofagia enquanto metáfora da cultura tenha escamoteado o potencial político existente na inscrição literal da idéia de canibalismo que é, antes de tudo, a inscrição do corpo explicitamente marcada no manifesto de 28: “O espírito recusa-se a conceber o espírito sem o corpo”, dizia Oswald (ANDRADE, 1995, p. 48).

Creio que reside aí não apenas o desafio a uma dicotomia, mas a apresentação de um dilema quando se contrapõe a idéia de corpo, enquanto suporte da espiritualidade, à noção de ética, que opera uma noção de sujeito capaz de afastar-se (em nome do bem-estar de uma coletividade) das necessidades empíricas, necessidades que são também necessidades do corpo. Afinal, se o antropófago come o inimigo para adquiri-lhe a valentia, o canibal, humano, come o humano porque tem fome.

O bárbaro tecnizado de Oswald de 1950 convida a reler o Manifesto que apresenta em suas últimas assertivas a explicitação de seu conceito de antropofagia:

só as puras elites conseguiram realizar a antropofagia carnal, que traz em si o mais alto sentido da vida e evita todos os males identificados por Freud, males catequistas. O que se dá não é uma sublimação do instinto sexual. É a escala termométrica do instinto antropofágico. De carnal, ele se torna eletivo e cria a amizade. Afetivo, o amor. Especulativo, a ciência. Desvia-se e transfere-se. Chegamos ao aviltamento. A baixa antropofagia aglomerada nos pecados de catecismo – a inveja, a usura, a calúnia, o assassinato. (ANDRADE, 1995, p. 51)

Oswald, de fato, amplia o conceito de canibalismo, percebendo-o como um instinto presente em todos os aspectos da vida. Inerente à condição humana, o instinto canibal é capaz de explicar o amor, a amizade e a ciência. A fórmula neutraliza qualquer conceito de superioridade cultural, devido ao fato de adquirir valor universal e define a modernização como algo que não requer a supressão ou superação do estágio primitivo da vida. Através da concepção de Oswald, o canibalismo alcança uma extensão semântica tal que a ciência passa a ser o resultado de um instinto já presente no mundo primitivo. Neste sentido, modernização e primitivismo são apenas diferentes versões do mesmo instinto canibal originário.

Nesta centralização do instinto canibal enquanto força motriz do comportamento humano, naquilo em que desafia a crença moderna na racionalidade iluminista, pela própria inscrição radical da idéia de corpo presente na idéia de antropofagia, é que percebo a forma mais interessante de se abordar o manifesto oswaldiano hoje e defender o seu valor e a atualidade de sua contribuição.

Antes de tudo, Oswald parece ter proposto de um ponto de vista periférico uma irônica reflexão acerca da humanidade moderna, reflexão essa cujas nuances mais desafiadoras foram ofuscadas por uma tradição crítica preocupada em ler a antropofagia como um discurso definidor da cultura brasileira e naturalizá-lo como parte de uma mitologia cultural, de onde emerge a forte figura do antropófago para opor-se à derrotada imagem do dominado.

No momento em que se redefinem fronteiras culturais a partir de toda a problematização em torno da idéia de cultura global, tanto a antropofagia de 28 quanto sua retomada na década de 50 parecem fornecer um contraponto produtivo aos discursos em torno da falência do projeto em torno do homem iluminado: o próprio

bárbaro oswaldiano, em sua potencialidade para desdobrar-se semanticamente nas mais diversas nuances valorativas, pode ser a força motriz para uma eficaz reflexão acerca do homem ocidental.

ALMEIDA, T. V. de. Criticism and devouring: cannibalism and cultural mythology. **Itinerários**, Araraquara, n. 21, p. 27-37, 2003.

- *ABSTRACT: In 1950, the Brazilian writer Oswald de Andrade (1890-1954) submitted to USP (Universidade de São Paulo) a thesis with the intriguing title of "The Crisis of Messianic Philosophy". Intended as part of Oswald's dossier for a tenured senior position, the competition in question never took place. But "The Crisis of Messianic Philosophy" was not forgotten; rather, the text was embraced by subsequent critics as the emblem of Oswald's post-Marxist phase, within the overall framework of the Brazilian modernist canon: the phase of restoration and recovery of Oswald's own earlier ideas regarding anthropophagy (Cannibalist Manifesto/1928). The article approaches the naturalization of anthropophagy as a metaphor for Brazilian culture, a result of the process of canonization of Oswald's work and also proposes that Oswald's natural technological man can be productive as a creative counterpoint to modern reason.*
- **KEYWORDS:** *Culture; cannibalism; literary criticism.*

## Referências

- ANDRADE, O. **A utopia antropofágica**. São Paulo: Globo, 1995.
- BACHOFEN, J. J. **Myth, religion, and mother right**. Princeton: Princeton Univ. Press, 1967.
- BOAVENTURA, M. E. **O salão e a selva**. São Paulo: Ex-Libris, 1995.
- BONGIE, C. **Exotic memories**. Stanford: Stanford Univ. Press, 1991.
- BURNHAM, J. **The managerial revolution**. Bloomington: Indiana Univ. Press, 1960.
- GUMBRECHT, H. U. **Corpo e forma: ensaios para uma crítica não-hermenêutica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998a.
- \_\_\_\_\_. Biting you softly. Apresentado no Colóquio **Antropofagia: Releituras**. Rio de Janeiro: UERJ, 1998b.
- KUPER, A. **The invention of primitive society: transformations of an illusion**. London: Routledge, 1988.
- LÉVI-STRAUSS, C. **O pensamento selvagem**. São Paulo: Papyrus, 1997.
- MARIN, L. **Utopiques: jeux d'espaces**. Paris: Minuit, 1973.
- MORE, T. **Utopia**. Great Britain: Wordsworth Editions, 1973.

NUNES, B. **Oswald Canibal**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

SANTIAGO, S. O entrelugar do discurso latino-americano. In: \_\_\_\_\_. **Uma literatura nos trópicos**. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.11-28.

SANTIAGO, S. A permanência do discurso da tradição no modernismo brasileiro. In: \_\_\_\_\_. **Nas malhas da letra**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.94-123.

■ ■ ■